

O novo discurso

Expansão da economia sem explosão da carestia. Foi o que o ministro Mailson da Nóbrega procurou "vender", ontem, aos empresários de São Paulo. O produto nacional vai crescer de 5 a 6%, contra menos de 4% no ano que passou. E a inflação brasileira, com três batidas na madeira, vai passar do auge para o declive, deslizando o pico gregoriano de 355% para um índice anual médio de 230%, de janeiro a dezembro. Se alcançados, tais objetivos consagrarão a volta triunfal da terapia gradualista, depois do fiasco do tratamento de choque, que se revelou, por duas vezes consecutivas, mais choque do que tratamento.

Para garantir a reaceleração da economia, o ministro aposta na retomada dos investimentos no setor privado e na promessa de saneamento financeiro do setor público. Isso não dispensa o reingresso da poupança externa, via remontagem do acordo com os bancos credores, ainda antes do Carnaval. O ataque frontal às causas da inflação e da dívida (o déficit público), com a execução ao pé da letra do orçamento unificado da União, seria o principal mecanismo de desaceleração da inflação.

Os empresários botaram fé nas palavras do ministro.

Acordo é vital

Para Mailson da Nóbrega, a reversão da crise deve começar, necessariamente, de fora para dentro. Um novo acordo com os bancos é decisivo para a retomada dos investimentos no setor público, carro-guinchos do setor privado. Na lógica do ministro, o Brasil não pode voltar a crescer sem a razão suplementar da poupança externa de empréstimo e de risco — recurso que se afastou do Brasil desde setembro de 1982. A poupança interna não é suficiente para financiar a expansão da economia e do emprego a uma taxa anual superior a 6%.

Um dos empresários interpelou o ministro: como é que o PIB cresceu em até 8% em 1985, repetindo a dose em 1986, sem a contribuição de um único dólar de fora para dentro? Mailson da Nóbrega contornou a resposta, mas deu a entender: 1) a economia voltou a crescer acima da taxa histórica de 7% porque deixou de honrar o serviço da dívida lá fora e porque apelou, sem cerimônia, para uma overdose de poupança falsa aqui dentro.

Entenda-se por poupança falsa a emissão de moeda sem lastro em produto, o atraso do Governo no pagamento de empreiteiros e fornecedores e a injeção cavalares de títulos da dívida pública igualmente sem lastro.

Sem alternativa

Resultado: sem poupança

suficiente — escassa e mal reciclada — a economia brasileira só consegue crescer acima de 5% ao ano quando dopada por uma inflação acima de 350% ao ano, como aconteceu em 1987. Ainda assim, com crescimento econômico de apenas 3,7%, abaixo dos limites de sustentação do nível de emprego. Não vale a referência de 1986, porque inflação reprimida por decreto, a golpes de pajelança heterodoxa.

Ao dramatizar a importância do reingresso do Brasil no sistema financeiro internacional (para a retomada do crescimento da economia sem nova recarga da inflação), o ministro ponderou aos empresários de São Paulo: a poupança alheia faria o papel até aqui mal desempenhado pela poupança falsa.

Sem escolha: uma unidade a mais de dívida lá fora seria compensada, com sobras, por duas unidades a menos de inflação (e de recessão) aqui dentro.

O pior já passou

Para o ministro da Fazenda, ainda esquentando a cadeira do ministério da crise, o pior já passou. A hora de voltar a investir no Brasil é agora. Foi o que ele cuidou de passar aos empresários de boa vontade. Em resumo:

1) Não haverá novo choque, a onda do experimentalismo acadêmico, com endosso ideológico, já passou;

2) a ordem é administrar a rotina, fazendo a política econômica do feijão com arroz, sem solução heróica nem saída mágica;

3) o governo deixa de combater, inutilmente, os efeitos e passa a atacar as causas da inflação e da dívida, fustigando o déficit público pelos flancos incólumes da despesa;

4) a economia de comando, cansada de guerra, devolve o volante à economia de mercado, que sabe errar sozinha e erra bem menos;

5) o acordo com os bancos credores pode desaguar no retorno do Brasil ao FMI.

E nada mais foi dito nem perguntado. Era esse o discurso oficial que os empresários estavam aguardando como presente atrasado de papai Noel.

Na catequese

Hoje, no Senado, o ministro enfrenta um auditório ressaabiado para o trato de um assunto abrasivo: a renegociação da dívida externa e o reatamento formal com o FMI. Na defesa; Mailson da Nóbrega vai dizer aos ilustres representantes do povo que o FMI mudou, já admite o ajuste gradual, sem recessão.

É o que vamos conferir amanhã.